

CARLOS CHAGAS: UMA VISÃO CIENTÍFICO-AFETIVA*

J. RODRIGUES COURA

É difícil trazer-se contribuição original sobre uma vida quando muitas vidas deram sobre ela o testemunho do coração e do conhecimento. Não foi este, certamente, o sentido do Diretor da Faculdade de Medicina ao convidar-me para dizer algumas palavras no centenário de Carlos Chagas ao lado do maior afeiçoado e cultor de sua memória, Carlos Chagas Filho, e do ex-Diretor da Saúde do Mundo, o brasileiro Marcolino Candau. Razões funcionais fizeram Sua Excelência designar-me para este ato na qualidade de ocupante da Cátedra fundada por Carlos Chagas nesta Escola e por coincidência também, neste momento, Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, onde Carlos Chagas empenhou-se “na defesa de um ideal” em seu próprio dizer em último autógrafo sobre a Grande Casa de Oswaldo Cruz.

Da biobibliografia organizada por ocasião do cinquentenário da descoberta da doença de Chagas em 1959, constam 62 biografias de Carlos Chagas e tantas outras foram escritas desde então. Tenho todas elas à minha disposição no Instituto Oswaldo Cruz, mas propositadamente não solicitei que fossem colocadas à minha mesa para consultá-las antes de escrever estas palavras. Desejei testar as minhas ligações científico-afetivas com Carlos Chagas e sua obra, e estudá-las, estudando a mim mesmo como estudante e professor de medicina.

* Apresentado na Sessão Comemorativa do Centenário do nascimento de Carlos Chagas, promovida pela Faculdade de Medicina da UFRJ, em 20 de julho de 1979.

Recebido para publicação em 4 de janeiro de 1980.

Foi a forma que encontrei de dizer, nesta cerimônia sobre Carlos Chagas, aquilo que dissera a mim mesmo sobre ele, com simplicidade, ao longo de minha vida acadêmica, no meu trabalho e na intimidade de minha casa. Adotei metodologia simples: fui revendo em ordem cronológica de aquisição os meus guardados, no modesto e desarrumado escritório da Rua Ramon Franco. Encontrei primeiro o volume I do *Manual de Doenças Tropicais e Infecciosas*, uma coleção de aulas do Prof. Carlos Chagas, organizadas em um volume por Evandro Chagas e, portanto, de autoria de ambos, editado pela Livraria Editora Freitas Bastos em 1935, volume este adquirido pelo meu amigo e compadre Italo Suassuna em um “sebo” da Rua São José em 14 de agosto de 1953, quando éramos segundanistas de medicina e não tivéramos ainda contacto com a medicina clínica. Na introdução encontrei estas palavras do Professor Carlos Chagas em sua aula inaugural que me fascinaram:

“Em aspectos peculiares à nosologia dos paizes quentes autoriza-se a systematização de estudos que fazem assumptos da cadeira de medicina tropical.

O clima não constitui factor etio-pathogenico directo de qualquer entidade morbida bem definida, mas, por ele, a doença se transforma e modifica, e delle se originam as variantes nosologicas apreciaveis nas diversas regiões da terra.

Nos paizes quentes, tropicais e sub-tropicais, as mesmas influencias

cosmicas, as mesmas energias creadoras que estimulam e favorecem a vida animal e vegetal, imprimem á pathologia humana características regionais, que a definem e, assim, alteram a feição generica da pathologia cosmopolita.

A riqueza da flora e da fauna pathogenicas é o factor predominante na nosologia dos paizes tropicais. As especies parasitarias, especialmente os protozoarios, ahi são mais abundantes e apresentam modificações biologicas, que, as mais das vezes, augmentam os efeitos de seu parasitismo nocivo; mas, além disso, vivem e proliferam nos tropicos outros parasitas, que não prescindem das condições climaticas dessas regiões e só nellas encontram os elementos naturais indispensáveis a seu metabolismo e a sua multiplicação”;

e continua:

“As realizações praticas da hygiene e da medicina tropicaes vieram destruir o velho preconceito de uma fatalidade climatica, que se traduzia na inadaptação das raças originarias dos paizes frios e temperados ás regiões mais quentes da terra.

O methodo scientifico vae dominando a doença nos tropicos, e assim desaparecem as restrições geographicas á vida sadia e á actividade humana, e desse modo se dilatam os dominios da civilização e do trabalho productivo.

Nada restringe agora a expansão dos povos nessas regiões fertilissimas da terra, porque o acerto do methodo prophylactico, baseado no determinismo do contagio infectuoso, torna a vida possivel sob todas as latitudes, e protege o homem contra a doença em quaesquer condições climáticas”.

.....

“Vivemos, Srs. estudantes, num paiz de clima tropical e intertropical, e é por isto que os destinos de nossa Terra, a sua grandeza e a felicidade de sua gente, não prescindem dos be-

nefícios de vossa acção professional, que se vae exercitar nesse vasto territorio sem limites, para povoal-o e enriquecel-o.

Attentae bem nessa missão de patriotismo e estudae com esforço a doença no Brasil”;

e assim conclui aquele homem de 45 anos, na época já famoso há mais de 15 pelas suas descobertas científicas e atuação na saúde pública brasileira, a sua magnífica lição de ecologia, de patogenia, de prevenção e de patologia tropical, uma verdadeira peça de experiências e patriotismo.

Caminho na análise dos alfarrábios de estudante e encontro anotações de aula e finalmente uma revisão manuscrita sobre a doença de Chagas, feita quando aluno do 6º ano e interno do Serviço de Luiz Feijó, no Hospital Moncorvo Filho, com uma introdução sobre a descoberta de Chagas, seguida de várias anotações sobre trabalhos seus e de outros, publicados até 1957 e do resumo de 58 casos de doença de Chagas que vira com Armando Puig no ambulatório daquele Serviço nos anos de 1956 e 1957. Fora feita esta revisão para apresentação na reunião do “staff”, aos sábados de manhã em torno da mesa da biblioteca do Serviço, sob a presidência e críticas severas de Luiz Feijó, no vigor dos seus 48 anos. Trêmulo e ruborizado conseguiu terminar a exposição, apoiando-me de quando em quando em recente trabalho de Francisco Laranja e colaboradores, publicado no *Circulation* e nos trabalhos originaes de Chagas e Evandro e na Parasitologia do Pessoa, que sabia menos consultados pelos cardiologistas.

Talvez o encanto com aquele trabalho inicial tenha me levado a escolher, um ano após, o nome de Evandro para o meu primogênito, em homenagem a Evandro e Carlos Chagas, que me protegeram naquele difícil momento quando me apoiaram nos seus trabalhos originaes. De fato tudo o que eu havia encontrado naqueles 58 casos de doença de Chagas estava descrito nos clássicos trabalhos de Carlos e Evandro Chagas. Foi também naquele momento que decidi continuar estudando a doença de Chagas mesmo antes de entrar para a Cadeira de Doenças Tropicais como Instrutor de Ensino.

Revejo em minha pequena biblioteca os anais do Congresso Internacional sobre a doença de Chagas, realizado no Rio de Janeiro em 1959, por ocasião do cinquentenário da descoberta da doença. Na capa dos três belos volumes de sua primorosa edição, encontra-se a reprodução de uma fotografia de Chagas em Lassance, examinando uma das primeiras doentes da moléstia de Chagas, vendo-se ao fundo o vagão, residência do pesquisador durante 4 anos. Analiso o seu conteúdo e repasso os trabalhos das maiores autoridades mundiais no assunto desde as técnicas histológicas, imunológicas e bioquímicas mais finas, aos estudos modernos de eletro e vetorcardiografia, epidemiologia, clínica e terapêutica da doença. Vejo com emoção o mundo que foi aberto na pesquisa por este homem extraordinário e compreendo a existência na época das 62 biografias sobre a sua vida. Não é ele apenas o protozoologista famoso, o descobridor da doença de Chagas, o Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, o organizador do Departamento Nacional de Saúde Pública, o criador da moderna enfermagem no Brasil, o homem de Saúde Pública, o professor e o pesquisador emérito; é muito mais: é um pioneiro do conhecimento, um homem de fronteira na vida humana, entre aqueles poucos que podem ser chamados os "construtores do mundo".

No meu lento repassar de livros e papéis reencontro o rascunho do meu primeiro trabalho publicado, exatamente sobre o tratamento da doença de Chagas. Tinha-o entregue a José Rodrigues da Silva para revisá-lo como meu mestre e orientador. Recebo-o de volta 2 ou 3 dias depois dentro de um envelope com o parecer verbal do professor: "o trabalho está muito bom, precisa melhorar um pouco a forma"; ao sair da sala apresso-me em abrir o envelope para deliciar-me com o trabalho elogiado, quem sabe, com o próprio parecer elogioso por escrito! Deparo-me com um emaranhado de grifos, riscos e interrogações em tinta vermelha que não permitia distinguir o que predominava, se o texto ou as correções, e em baixo uma nota: "Leia os trabalhos originais de Chagas no conteúdo e na forma". Voltei a Manguinhos e li os trabalhos de Chagas e tirei cópias para reler em casa; embora não versando sobre terapêutica encontrei neles tudo o que eu precisava: uma metodologia perfeita, um

conteúdo denso e uma forma direta, simples e elegante. Guardei o meu rascunho e escrevi outro trabalho que foi aceito pelo professor sem elogios. Carlos Chagas tornou-se para mim não somente o descobridor de uma doença nova, mas um modelo de pesquisador, de cientista e de homem de cultura.

Continuei o meu trabalho diário na enfermaria, nos ambulatórios, no laboratório e no campo e a cada dia, à medida que a minha experiência pessoal crescia, crescia também a minha admiração por este homem, que não tive a felicidade de conhecer pessoalmente, mas cuja análise e reanálise de sua obra, continuamente durante mais de 25 anos, me deram a certeza de tratar-se de uma personalidade que viveu muito além de sua época como sói acontecer apenas com os gênios.

Carlos Chagas formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1903, recebendo o diploma do Grêmio dos Internos dos Hospitais do Rio de Janeiro em 3 de maio daquele ano e doutorando-se com distinção em 1904 com a tese inaugural "Estudos hematológicos no impaludismo", trabalho realizado no Instituto de Manguinhos por indicação de Francisco Farjado que o apresentara a Oswaldo Cruz. Até 1908 dedicou-se ao estudo e prática da profilaxia da malária, publicando nesse período 10 trabalhos sobre o assunto, entre os quais aquele sobre a teoria da transmissão domiciliar da malária, obra tão importante, a meu ver, quanto a própria descoberta da doença de Chagas.

A descoberta da doença de Chagas não foi obra do acaso como alguns imaginam. Foi o resultado da observação arguta e da aplicação do método científico por quem estava profundamente capacitado a fazê-lo: um cientista, profundo conhecedor da medicina em geral, da patologia e da protozoologia em particular. Muitos poderiam ter visto o mesmo quadro e não o souberam interpretar e estou certo de que muitos o viram antes, mas dele não se aperceberam por não terem os conhecimentos básicos para fazê-lo. As descobertas não se fazem por acaso; o acaso é que encontra pessoas capacitadas a interpretar os fenômenos corretamente.

Assim, logo que chegou a Lassaance para desenvolver o trabalho de profilaxia da malária, cumprindo a solicitação de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas em suas horas de folga e dando vazão à sua indomável curiosidade científica, começou a examinar o sangue de sagüis, pequenos macacos da região e neles encontrou um tripanosoma a que deu o nome de *Trypanosoma minasense*. Logo depois encontra um outro tripanosoma (formas em critídia) no interior de triatomíneos. Inicialmente pensou haver alguma relação entre os dois parasitas, mas com a cautela natural do cientista manda os triatomíneos a Oswaldo Cruz para inoculação do parasita em sagüis de laboratório (desejava ver as formas sanguíneas do novo parasita), enquanto publica nota prévia no *Brasil Médico* (vol. 22 nº 48) sobre o *Trypanosoma minasense*, fazendo referência clara ao que hoje conhecemos como *Trypanosoma cruzi*, quando diz nessa nota: "estamos estudando um outro tripanosoma" que parece diferente deste. Realmente o estudo das formas sanguíneas do tripanosoma dos sagüis silvestres (*Trypanosoma minasense*), mostra serem diferentes das formas sanguíneas encontradas nos animais "picados por barbeiros" no Instituto Oswaldo Cruz. Eis que em 23 de abril de 1909 Chagas encontra em uma criança febril (Berenice), o mesmo tripanosoma que havia encontrado no barbeiro, nos sagüis experimentalmente infectados por barbeiros e posteriormente no tatu, o reservatório silvestre, fechando assim, pela primeira vez a história da ciência mundial, o ciclo completo de uma doença por um mesmo pesquisador.

Não termina aqui a vigília científica de Carlos Chagas. Em 1912, Oswaldo Cruz, impossibilitado de afastar-se do Rio de Janeiro, o indica chefe da expedição científica ao Amazonas, a fim de informar ao Governo Federal sobre as condições de saúde da população da Hiléia Amazônica o que faz, após dois longos e sofridos anos de viagem, com a precisão científica que o

caracterizava. O relatório é uma das mais perfeitas peças científicas e de medicina social que já tive a oportunidade de ler. Nele se encontra a verdadeira situação de saúde da Amazônia, válida até hoje, onde se distinguem com a maior clareza a malária e as parasitoses intestinais como a patologia predominante na área.

Em 1917, com a morte de Oswaldo Cruz, Chagas assume a direção do Instituto, com o mesmo vigor do seu mestre, cuja memória cultiva até o fim de sua vida. Convocado para o Departamento Geral de Saúde Pública em 1919, aceita com a condição de não se afastar de Manguinhos, o mesmo ocorrendo quando assume a Cátedra de Medicina Tropical em 1925, construindo o Pavilhão que hoje tem o seu nome, para estudos integrados de clínica, de epidemiologia e estudos básicos de laboratório, forma como concebia o ensino da Medicina Tropical.

Essa casa, que foi construída por Carlos Chagas, vivida por Evandro Chagas, preservada por Moreira da Fonseca e renovada por José Rodrigues da Silva e seus discípulos, guarda em memória o espírito da pesquisa como uma forma de vida. Preservá-la é um dever para com a ciência e a cultura brasileira.

Ao terminar estas palavras em homenagem a Carlos Chagas, o faço com a mais profunda emoção por ter tido o privilégio de ser considerado, neste momento, o seu substituto nesta Faculdade e, se um dia vier a deixá-la, por vontade própria, terá sido exclusivamente por não ter podido cumprir a sua tradição de ensino e pesquisa integrados.

Por mais que o acaso da vida nos bafeje de glórias, não há glória maior do que a do reconhecimento por aqueles que construíram a base dos nossos conhecimentos e do nosso futuro. Felizes daqueles que, como nós, têm um antepassado como Carlos Chagas para reverenciar.